

ARTIGO ORIGINAL DE PESQUISA

EDUCAÇÃO CONTINUADA DE ENFERMEIROS PARA O ATENDIMENTO A CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS

CONTINUING EDUCATION FOR NURSES IN THE CARE OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER: CHALLENGES AND STRATEGIES

EDUCACIÓN CONTINUA DE ENFERMEROS PARA LA ATENCIÓN DE NIÑOS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA: DESAFÍOS Y ESTRATEGIAS

Descritores

Transtorno do Espectro Autista; Enfermagem; Educação Continuada; Formação Profissional; Saúde da Criança.

Descriptors

Autism Spectrum Disorder; Nursing; Continuing Education; Professional Training; Child Health

Descriptores

Trastorno del Espectro Autista; Enfermería; Educación Continua; Formación Profesional; Salud Infantil

RESUMO

Objetivo: Identificar as ações de educação continuada voltadas a enfermeiros que atuam na pediatria hospitalar sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), avaliando a formação acadêmica, a percepção de preparo profissional e o interesse em capacitação.

Métodos: Estudo quantitativo, descritivo e exploratório, realizado com 40 enfermeiros atuantes em setores pediátricos da Grande Vitória (ES). A coleta ocorreu por meio de questionário estruturado com perguntas fechadas, analisadas por estatística descritiva.

Resultados: A maioria era do sexo feminino (80,0%) e com idade acima de 40 anos (42,5%). Cerca de 72,5% não receberam formação específica sobre TEA, e 85,0% consideraram insuficiente o preparo institucional para o atendimento a essas crianças. Apenas 10,0% participaram de cursos sobre o tema, embora 95,0% demonstrem interesse em capacitação. As principais dificuldades relatadas foram a comunicação e a compreensão do comportamento infantil.

Conclusão: Os achados evidenciam lacunas significativas na formação e na educação continuada dos enfermeiros em relação ao TEA, reforçando a necessidade de capacitações específicas para garantir uma assistência qualificada e humanizada.

ABSTRACT

Objective: To identify continuing education actions aimed at nurses working in hospital pediatrics regarding Autism Spectrum Disorder (ASD), evaluating academic training, perception of professional preparedness, and interest in further training.

Methods: Quantitative, descriptive, and exploratory study conducted with 40 nurses working in pediatric units in Grande Vitória (ES), Brazil. Data were collected through a structured questionnaire with closed-ended questions and analyzed using descriptive statistics.

Results: Most participants were female (80.0%) and over 40 years old (42.5%). Approximately 72.5% had not received specific training on ASD, and 85.0% considered institutional preparation for caring for these children insufficient. Only 10.0% had attended courses on the topic, although 95.0% showed interest in further training. The main difficulties reported were communication and understanding of child behavior.

Conclusion: The findings reveal significant gaps in nurses' training and continuing education regarding ASD, highlighting the need for specific training programs to ensure qualified and humanized care.

RESUMEN

Objetivo: Identificar las acciones de educación continua dirigidas a enfermeros que trabajan en pediatría hospitalaria sobre el Trastorno del Espectro Autista (TEA), evaluando la formación académica, la percepción de preparación profesional y el interés en capacitación.

Métodos: Estudio cuantitativo, descriptivo y exploratorio realizado con 40 enfermeros que trabajan en unidades pediátricas de Grande Vitória (ES), Brasil. La recolección de datos se realizó mediante un cuestionario estructurado con preguntas cerradas, analizadas mediante estadística descriptiva.

Resultados: La mayoría de los participantes eran mujeres (80,0%) y mayores de 40 años (42,5%). Aproximadamente el 72,5% no recibió formación específica sobre TEA, y el 85,0% consideró insuficiente la preparación institucional para la atención de estos niños. Solo el 10,0% asistió a cursos sobre el tema, aunque el 95,0% mostró interés en capacitación. Las principales dificultades reportadas fueron la comunicación y la comprensión del comportamiento infantil.

Conclusión: Los hallazgos evidencian brechas significativas en la formación y la educación continua de los enfermeros en relación con el TEA, reforzando la necesidad de capacitaciones específicas para garantizar una atención cualificada y humanizada.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento, cujos sinais de alerta podem ser percebidos já nos primeiros meses de vida, com diagnóstico geralmente realizado entre dois e três anos de idade. Estudos apontam que a prevalência é maior em crianças do sexo masculino. Manifesta-se por déficits persistentes em áreas como comunicação e interação social, bem como por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades ^(1, 2).

O transtorno apresenta diferentes níveis de gravidade: leve, moderado e severo, definidos de acordo com a intensidade das características apresentadas e a necessidade de suporte do indivíduo. No nível leve, os portadores tendem a ser mais independentes, compreender e cumprir regras e rotinas, e desenvolver atividades diárias com maior autonomia. No nível moderado, observa-se maior necessidade de apoio, dificuldades nas atividades cotidianas, atraso de fala, uso de sentenças incompletas e comunicação descontextualizada. Já no nível severo, os indivíduos apresentam desafios acentuados na comunicação, podendo ser não verbais, necessitando de mediadores para expressar-se, além de apresentarem comportamentos repetitivos graves e isolamento social ⁽³⁾.

A formação em Enfermagem é, em sua maioria, generalista, abrangendo conteúdos relacionados ao cuidado integral em saúde ao longo do ciclo vital. No contexto do TEA, as abordagens costumam ser transversais, inseridas em disciplinas como Saúde Mental, Saúde da Criança ou Fundamentos da Enfermagem, sem componente específico dedicado ao tema ⁽⁴⁾. Dessa forma, o conteúdo sobre TEA é abordado pontualmente em discussões sobre desenvolvimento infantil ou comportamento humano.

A atuação do enfermeiro junto a pessoas com TEA envolve não apenas aspectos técnicos, mas também habilidades de escuta, acolhimento e orientação dos familiares e cuidadores ^(5, 6). É essencial que o enfermeiro desenvolva a capacidade de oferecer um cuidado individualizado e humanizado, adaptando a assistência para reduzir o estresse, a sobrecarga sensorial e a insegurança, muitas vezes através de estratégias lúdicas, no ambiente clínico ou hospitalar ^(5, 7).

Embora o tema seja contemplado em algumas experiências práticas e projetos acadêmicos, sua inserção formal nos planos de ensino varia entre instituições e cursos, refletindo uma abordagem indireta que contribui apenas para a construção de uma base inicial de conhecimento sobre o assunto.

Estudos demonstram lacunas na formação acadêmica sobre o TEA. Entre 738 cursos de Enfermagem cadastrados, apenas 72% disponibilizavam matriz curricular on-line, e destas, apenas 47,2% incluíam ao menos uma disciplina relacionada à Saúde Mental ou Psiquiatria, com carga horária média de 96 horas nas instituições privadas e 142 horas nas públicas, representando apenas 2,4% e 3,5% da carga horária total, respectivamente ⁽⁸⁾. Além disso, a abordagem pontual do TEA em disciplinas transversais compromete o desenvolvimento de habilidades essenciais, como escuta, acolhimento e orientação a familiares ^(4, 6). Muitos profissionais frequentemente enfrentam dificuldades ao lidar com as particularidades do transtorno, visto que o autismo ainda é pouco conhecido por parte da categoria e não se sentem preparados para oferecer a atenção adequada. Essa insegurança se deve, em parte, à limitação de recursos, à falta de tempo e à ausência de diretrizes práticas claras, o que impacta diretamente na qualidade da assistência e reforça a necessidade de treinamento específico ⁽⁹⁾.

Diante dessa realidade, torna-se necessário investigar como a formação acadêmica e a educação continuada influenciam a prática do enfermeiro no cuidado a crianças com TEA, promovendo uma assistência ética, humanizada e inclusiva. A atuação qualificada do enfermeiro exige um compromisso contínuo com a atualização de conhecimentos, sendo a educação permanente em saúde uma estratégia fundamental para o desenvolvimento de competências específicas ⁽¹⁰⁾. O investimento em qualificação profissional e o desenvolvimento de protocolos são recomendados para suprir as lacunas da formação inicial e reafirmar o papel da enfermagem como agente de promoção da saúde e inclusão ⁽⁹⁾. Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo identificar as ações de educação continuada para enfermeiros que atuam em setores pediátricos da Grande Vitória relacionadas ao TEA, partindo da hipótese de que a formação acadêmica inicial não oferece qualificações específicas suficientes para atender de forma adequada crianças com o transtorno, fazendo com que muitos profissionais precisem buscar conhecimento adicional após a graduação ⁽⁸⁾.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, com abordagem quantitativa. A escolha dos participantes foi feita por amostragem por conveniência, conforme descrito por Polit e Beck⁽¹¹⁾, que explicam que esse tipo de amostragem faz parte das técnicas não probabilísticas, nas quais os elementos são selecionados pela facilidade de acesso e pela disponibilidade em participar. Assim, os enfermeiros que atuavam na pediatria e que estavam acessíveis no período da coleta, além de concordarem em responder ao questionário on-line, foram incluídos no estudo.

A coleta de dados foi realizada exclusivamente de forma on-line, entre os meses de setembro e outubro de 2025, por meio de um questionário estruturado, contendo perguntas fechadas, de múltipla escolha e em escala Likert. O instrumento abordou as seguintes variáveis: sexo, faixa etária, ano de formação, cidade de atuação, formação sobre TEA na graduação, preparo oferecido pela instituição de ensino, auto percepção de preparo atual, experiência prática com TEA, participação em capacitações sobre o tema, suficiência da capacitação hospitalar, interesse em capacitação, principais dificuldades enfrentadas, impacto da falta de conhecimento no atendimento e importância da educação continuada.

Os dados foram organizados em planilha do Microsoft Excel, utilizada apenas para tabulação e categorização das respostas, possibilitando a sistematização e apresentação das informações obtidas.

O questionário continha o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi devidamente lido e aceito por todos os participantes antes do início do preenchimento. Foram excluídos da amostra todos os questionários em que o participante não autorizou o TCLE, garantindo a validade ética da pesquisa.

RESULTADOS

A amostra foi composta por 40 participantes sendo majoritariamente por profissionais do sexo feminino (80,0%) e com idade superior a 40 anos (42,5%). Observou-se predomínio de formados após 2020 (35,0%) e de atuação concentrada nos municípios de Vila Velha (45,0%) e Vitória (37,5%).

Tabela 1. Perfil sociodemográfico e profissional dos participantes (n=40)

Variáveis	n(%)
-----------	------

Sexo	
Masculino	8 (20,0)
Feminino	32 (80,0)
Faixa etária (anos)	
25 a 30	13 (32,5)
31 a 35	3 (7,5)
36 a 40	7 (17,5)
Acima de 40	17 (42,5)
Ano de formação	
Antes de 2005	4 (10,0)
Entre 2006 e 2010	7 (17,5)
Entre 2011 e 2015	7 (17,5)
Entre 2016 e 2020	8 (20,0)
Após 2020	14 (35,0)
Cidade de atuação	
Vila Velha	18 (45,0)
Vitória (Capital)	15 (37,5)
Serra	4 (10,0)
Cariacica	3 (7,5)

Em relação à formação, 72,5% não receberam formação específica sobre TEA, e 85,0% avaliaram o preparo institucional como pouco ou nada adequado. Quanto ao preparo pessoal, 50,0% consideraram-se razoavelmente preparados, 25,0% pouco preparados e 12,5% nada preparados.

Tabela 2. Formação acadêmica e percepção sobre o preparo profissional (n=40)

Variáveis	n(%)
Formação sobre TEA na graduação	
Sim, teórica	9 (22,5)
Sim, teórico-prática	2 (5,0)
Não recebeu formação específica	29 (72,5)
Preparo oferecido pela instituição de ensino	
Muito adequado	3 (7,5)
Pouco adequado	18 (45,0)

Nada adequado	16 (40,0)
Não sei responder	3 (7,5)
Auto percepção de preparo atual	
Muito bem preparado(a)	5 (12,5)
Razoavelmente preparado(a)	20 (50,0)
Pouco preparado(a)	10 (25,0)
Nada preparado(a)	5 (12,5)

Quanto à experiência, 85,0% já atenderam crianças com TEA, mas 90,0% nunca participaram de cursos de capacitação sobre o tema. A maioria considera insuficiente a capacitação oferecida pelo hospital (87,5%), embora 95,0% manifestem interesse em participar de treinamentos específicos.

Tabela 3. Experiência prática e capacitação sobre TEA (n=40)

Variáveis	n(%)
Experiência prática com TEA	
Sim, frequentemente	14 (35,0)
Sim, algumas vezes	20 (50,0)
Nunca tive contato	6 (15,0)
Participou de capacitação sobre TEA	
Sim	4 (10,0)
Não	36 (90,0)
Capacitação hospitalar suficiente	
Sim	2 (5,0)
Não	35 (87,5)
Não sei responder	3 (7,5)
Interesse em capacitação	
Sim	38 (95,0)
Não	2 (5,0)

As principais dificuldades apontadas foram a comunicação com a criança (45,0%), compreensão das necessidades infantis (37,5%) e falta de preparo técnico (17,5%). Além disso, 87,5% acreditam que a falta de conhecimento afeta diretamente a qualidade do atendimento, e 92,5% consideram essencial a educação continuada para aprimorar a assistência.

Tabela 4. Dificuldades e percepção sobre a qualidade da assistência (n=40)

Variáveis	n(%)
Principais dificuldades	
Comunicação com a criança	18 (45,0)
Compreensão das necessidades da criança	15 (37,5)
Falta de capacitação	7 (17,5)
Impacto da falta de conhecimento no atendimento	
Sim, muito	35 (87,5)
Sim, parcialmente	4 (10,0)
Não	1 (2,5)
Importância da educação continuada	
Sim	37 (92,5)
Não	3 (7,5)

DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa revelam uma acentuada carência na formação específica sobre o TEA entre os enfermeiros que atuam em setores pediátricos. Este achado reforça a urgência de políticas institucionais de capacitação contínua. O estudo observou que 29 enfermeiros (72,5%) da amostra não receberam formação especializada sobre o tema, um dado que corrobora a literatura ao indicar que o TEA é tratado de modo transversal na graduação, sem o aprofundamento teórico-prático necessário ⁽⁷⁾.

Essa lacuna acadêmica é reforçada pela percepção dos próprios profissionais, demonstrando uma falha no sistema de ensino 85,0% dos enfermeiros avaliaram o preparo oferecido pela instituição de ensino como pouco ou nada adequado. Conseqüentemente, a autopercepção de preparo reflete essa falha, pois apenas 12,5% dos participantes se sentiram muito bem preparados para o atendimento, um dado que se alinha aos achados que destacam as limitações dos profissionais frente às demandas complexas do autismo ⁽⁶⁾.

Esta deficiência é agravada por fatores estruturais inerentes à formação em Enfermagem. A carga horária de saúde mental nos currículos de graduação é reconhecidamente

reduzida, limitando o desenvolvimento de habilidades essenciais para o cuidado integral, conforme apontado por Vargas et al ⁽⁸⁾.

Apesar do baixo índice de formação formal, o estudo demonstrou que 85,0% dos participantes já tiveram experiência prática com crianças com TEA, evidenciando que a demanda por esse cuidado é rotineira e frequente no ambiente hospitalar. No entanto, a dificuldade de manejo é uma consequência direta do despreparo formal. As principais barreiras apontadas foram a comunicação com a criança (45,0%) e a compreensão de suas necessidades específicas (37,5%). Este cenário prático sublinha a necessidade de treinamento que reforce a escuta ativa e o manejo comportamental adaptado, conforme preconiza a revisão de Magalhães et al. ⁽⁹⁾.

No plano institucional, verificou-se uma grande fragilidade na política de educação permanente: apenas 10,0% dos enfermeiros participaram de alguma capacitação sobre o TEA, e 87,5% consideram insuficiente ou nula a capacitação oferecida pelo hospital. Tal falha é crítica, visto que a literatura reforça que a educação continuada é a estratégia fundamental para desenvolver competências como escuta ativa e acolhimento, indispensáveis no manejo de pacientes com TEA ⁽¹⁰⁾.

A pesquisa identificou uma notável consciência profissional na amostra. O reconhecimento da importância da educação continuada por 92,5% dos enfermeiros demonstra um entendimento claro sobre a relevância do tema para a prática profissional e uma disposição para o aprimoramento. Este sentimento é reforçado por 87,5% dos participantes que acreditam que a falta de conhecimento afeta muito a qualidade do atendimento, o que valida a urgência de incorporar o TEA como um componente obrigatório e prático, tanto na formação acadêmica quanto nas ações contínuas.

Limitações do Estudo

Este estudo apresentou algumas limitações que devem ser consideradas na interpretação dos resultados. O número reduzido de participantes (n = 40) limita a generalização dos achados para outros contextos. Além disso, a pesquisa foi realizada apenas com enfermeiros atuantes na Região Metropolitana da Grande Vitória (ES), o que restringe a representatividade nacional da amostra. O uso de questionário on-line também pode ter influenciado as respostas, uma vez que a compreensão das perguntas e a autorreferência podem variar entre os participantes. Outro

ponto a ser considerado é a ausência de comparação entre diferentes tipos de instituições, públicas e privadas, o que poderia ampliar a análise sobre o preparo e a capacitação dos profissionais. Ainda assim, essas limitações não comprometem a relevância dos resultados obtidos, que refletem de forma consistente a realidade local investigada.

Contribuições para a Área

Os resultados deste estudo contribuem significativamente para o avanço do conhecimento na área da enfermagem, especialmente no cuidado a crianças com TEA. A pesquisa evidenciou lacunas na formação acadêmica e na educação continuada dos enfermeiros, destacando a necessidade de investimentos em capacitações específicas sobre o tema. Tais achados reforçam a importância de políticas institucionais voltadas à qualificação profissional, bem como a inclusão do TEA de forma estruturada nos currículos de graduação e nas ações de educação permanente em saúde. Dessa forma, este estudo fornece subsídios para o aprimoramento das práticas assistenciais e para o fortalecimento de uma abordagem mais humanizada, inclusiva e resolutiva na assistência a crianças com TEA e suas famílias.

CONCLUSÃO

O presente estudo permitiu identificar e analisar as ações de educação continuada voltadas a enfermeiros que atuam em setores pediátricos sobre o TEA, evidenciando lacunas significativas tanto na formação acadêmica quanto na capacitação institucional. Verificou-se que a maioria dos profissionais não recebeu formação específica sobre o TEA durante a graduação, além de considerar insuficiente o preparo oferecido pelas instituições de ensino e pelos serviços de saúde.

Apesar dessas deficiências, observou-se elevado interesse em participar de capacitações, o que reflete uma postura profissional positiva e o reconhecimento da importância da educação continuada como ferramenta essencial para qualificar o cuidado prestado às crianças com TEA e suas famílias. Tal cenário aponta para a necessidade de políticas institucionais e curriculares que incluam o tema de forma mais estruturada e prática, fortalecendo o preparo técnico, comunicacional e emocional do enfermeiro.

Conclui-se, portanto, que investir em formação específica e contínua sobre o TEA é fundamental para promover uma assistência mais humanizada, inclusiva e resolutiva, contribuindo para o aprimoramento do cuidado pediátrico e para a construção de ambientes

hospitalares mais acolhedores. Recomenda-se que novas pesquisas ampliem o número de participantes e explorem diferentes contextos de atuação, possibilitando uma compreensão ainda mais abrangente das necessidades formativas dos enfermeiros frente às demandas do espectro autista.

REFERÊNCIAS

- 1.** Ministério da Saúde (BR). Linhas de Cuidado: Definição - Transtorno do Espectro Autista (TEA) na criança. Brasília: Ministério da Saúde; 2022.
- 2.** Observatório do Autista. Níveis do autismo: entenda quais são e a mudança do termo. São Paulo: Observatório do Autista; 2023.
- 3.** Instituto Federal da Paraíba (IFPB). Níveis do transtorno do espectro autista. João Pessoa: IFPB; 2020.
- 4.** Vitor PA, Freitas JM. Assistência de enfermagem em crianças autistas. Rev Fac Tapajós (Rev FT). 2025;29(144):20–1.
- 5.** Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). Enfermagem melhora qualidade de vida dos pacientes autistas. Brasília: COFEN; 2021.
- 6.** Jerônimo TG, Mazzaia MC, Viana JM, Chistofolini DM. Assistência do enfermeiro(a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. Acta Paul Enferm. 2023;36:eAPE030832.
- 7.** Cunha RR, Alves PN, Sousa JG, Freire ES, Feitosa AC, Silva AL. Abordagem sobre o autismo em disciplinas do curso de enfermagem. Braz J Health Rev. 2021;4(1):2–6.
- 8.** Vargas DD, Maciel ME, Bittencourt MN, Lenate JS, Pereira CF. O ensino de enfermagem psiquiátrica e saúde mental no Brasil: análise curricular da graduação. Texto Contexto Enferm. 2018;27(2):e2610016.
- 9.** Magalhães JM, Lima FSV, Oliveira Silva FR, Rodrigues ABM, Gomes AV. Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. Enferm Glob. 2020;19(2):531–59.
- 10.** Fonseca EN, Cunha SM, Carneiro MT, Barbosa KK, Batista MD, Ferreira FC, França SM, Marques ML, Bastos MD, Medeiros EC. Educação permanente em saúde: desafios e potencialidades para o processo de trabalho. Rev Eletr Acervo Saúde. 2023;23(7):e13480.
- 11.** Polit DF, Beck CT. Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem: avaliação de evidências para a prática da enfermagem. 9. ed. Porto Alegre: Artmed; 2019.